



O POLITÉCNICO

GRÊMIO POLITÉCNICO • ANO LXXIX • SÃO PAULO, DEZEMBRO DE 2022 • EDIÇÃO DE NATAL

Ho, ho, ho!

Mateus de Pina Nascimento,
Engenharia Mecatrônica, 2º ano

Enfim, cá estamos! 359 dias depois, nas férias, com vocês achando que teriam um pouco de paz, O PolitécnicO volta para sua última publicação em 2022!

Embora eu não pretenda entrar em suas casas pela chaminé e tampouco recomende que deixem seus celulares debaixo da árvore, deixo aqui nosso singelo presente de Natal.

A Copa em retrospecto

Encerrou-se a Copa do Mundo, vencida pela Argentina em uma final eletrizante contra França. Nos quase 30 dias, muito aconteceu no pequeno Catar, sede da primeira Copa da história no Oriente Médio, polêmica desde o começo. **ESPORTE/POST. 2**

Não só: deixo o convite, para que vocês participem deste projeto!

Nossas reuniões voltam no ano que vem, já com um novo editor-chefe, mas com a dedicação e o entusiasmo de sempre!

REPRODUÇÃO/FREEPIK



DIVULGAÇÃO/SELEÇÃO ARGENTINA



O PolitécnicO viu: *It's a Wonderful Life*

George Bailey é um jovem sonhador, mas suas responsabilidades o impedem de viver a vida que sempre planejou. Com o passar dos anos, a melancolia e a frustração o consomem, até que, na véspera de Natal, ele pensa em acabar com tudo. Seu anjo da guarda é designado para impedir que George cometa suicídio, mostrando como seria o mundo se ele nunca tivesse nascido. **ARTE E CULTURA/POST. 4**

Em defesa do tio do pavê

Não tenho sobrinhos e demorei bastante para tê-los. No entanto, desde cedo, percebi minha terrível sina: sou um tio do pavê. Sou do Rio Grande do Sul, aqui nem usamos a palavra "pavê", mas ainda resta a dúvida: é pavê ou pacomê? **ETC/POST. 8**

Esporte

A Copa em retrospecto

Luiz Antônio Melo,
Engenharia Elétrica, 2º ano.

Encerrou-se, no dia 18, no estádio Lusail, a Copa do Mundo de 2022, vencida pela Argentina em uma final eletrizante contra a França, decidida nos pênaltis. Nos quase 30 dias de muito suor, sangue e lágrimas, além de grandes jogos e despedidas de gênios, muito mais aconteceu no pequeno Catar, sede da primeira Copa da história no Oriente Médio, polêmica desde o começo, mas com resultados relativamente bons, dentro e fora de campo.

A Copa começa na escolha do país-sede, uma década antes da bola rolar. Já então, essa mostrou que seria diferente. Foi escolhido um país sem tradição no futebol e com apenas um estádio nos padrões exigidos, mas com capacidade de investimento altíssima, garantida pelas extensas reservas de gás natural, além de pressões políticas

que levaram a denúncias de corrupção por parte da FIFA e do governo local. Não obstante, devido às condições desérticas do país, seria necessário realizar o torneio ao final do ano, algo inédito.

Na preparação, mais problemas à vista: o jornal britânico The Guardian denunciou que mais de 6750 trabalhadores migrantes morreram na construção dos estádios.

Além disso, já havia preocupação a respeito da legislação do país, conservador e autoritário, que impede qualquer relação entre pessoas do mesmo sexo ou fora do casamento, bem como o consumo de álcool em locais públicos.

O pontapé inicial foi esse: muitos problemas fora de campo e um certo temor por parte de torcedores que se dirigiriam ao pequeno país na Península Arábica.

DIVULGAÇÃO/SELEÇÃO ARGENTINA



Após ser o eleito melhor jogador da Copa, Messi recebe traje real do emir catariense.

Esporte

Dentro de campo, as partidas iniciaram com um morno 2x0 dos equatorianos contra os donos da casa, e os outros 63 jogos tiveram, cada um, seu toque especial.

Na estreia do Irã, os jogadores não cantaram o hino, em protesto à morte de Masha Amini, assassinada pela polícia de seu Estado teocrático, pelo simples fato de ter uma mecha de cabelo fugindo do *hijab*. Isso iniciou uma onda de protestos, que encontrou coro nos presentes no Catar, com iranianos emocionados e clamando por justiça.

Também foram vistos protestos por parte das seleções inglesa e alemã, contrariando as absurdas proibições da FIFA, em defesa de direitos humanos e da liberdade de orientação sexual.

O futebol reservou surpresas e decepções, como a segunda eliminação seguida da Alemanha na fase de grupos.

A nossa querida seleção brasileira, uma das favoritas, teve um desempenho me-

diano na primeira fase, com duas vitórias pouco convincentes e uma derrota do time reserva para Camarões. Apesar do grande jogo contra a Coreia do Sul, o Brasil acaba derrotado nos pênaltis para a Croácia, em um jogo que poderia ter vencido no tempo normal ou, então, seguro o resultado após o gol de Neymar na prorrogação.

A maior surpresa de todas foi Marrocos, a primeira africana a chegar às semifinais. Eliminando grandes adversários e mostrando sua capacidade, só perderam para a finalista França.

Outra surpresa foi a campeã, que iniciou a Copa perdendo para a Arábia Saudita. Seu mérito esteve na capacidade de reagir ao fracasso, comandados pela inteligência dos Lioneis: Scaloni (jovem técnico que mudou o jeito de jogar conforme o adversário) e Messi (aos 34 anos, com gana de vencer, liderança dentro e fora de campo e seu normal fator de

genialidade, que o consagrou como melhor jogador de sua geração). Juntos, levaram *La Scaloneta* ao tricampeonato mundial, depois de 36 anos.

Essa foi a despedida de Messi da Copa do Mundo, mas também de outro gigante que esteve no topo ao seu lado: o português Cristiano Ronaldo (37) viu sua seleção ser eliminada nas quartas-de-final pelos marroquinos e saiu emocionado de campo, sabendo que seu ciclo se encerrou.

Assim como o deles, o ciclo dessa Copa e desse escritor em 2022 se encerraram. Em relação à primeira, houve sucesso nos jogos, sem grandes problemas em relação aos visitantes, o que deixou para trás alguns medos. Sobre este que vos escreve, fechar o ano com essa pauta é muito satisfatório, e nos vemos lá em 2026, na Copa do Mundo dos EUA, México e Canadá. Eu não estarei aqui, mas desejo, desde já, muito sucesso a quem vier a'O Politécnico contar mais essa história!

Arte e Cultura

O Politécnico viu: *It's a Wonderful Life*

George Bailey (James Stewart) é um jovem com grandes sonhos, mas suas responsabilidades o impedem de viver a vida que sempre planejou. Com o passar dos anos, a melancolia e a frustração o consomem, até que, na véspera de Natal, George pensa em acabar com tudo. As orações de sua família e de seus amigos chegam ao Céu, e seu anjo da guarda, Clarence Odbody (Henry Travers), é designado para impedi-lo de cometer suicídio, mostrando como seria o mundo se George nunca tivesse nascido.

Dirigido e produzido pelo célebre Frank Capra, *It's a Wonderful Life* (1946) é considerado um dos melhores filmes de todos os tempos, tendo sido indicado a cinco categorias do Oscar (incluindo Melhor Filme).

Mateus de Pina Nascimento,
Engenharia Mecatrônica, 2º ano.



Um dia você será velho o bastante para voltar a ler contos de fadas.

Citação de C. S. Lewis

It's a Wonderful Life é o mais icônico clássico de Natal. Seu roteiro acerta em cheio, nada é por acaso: o primeiro vislumbre da vida de George o mostra mergulhando na água gelada para salvar seu irmão; ao passo que o último o mostra repetindo o gesto para salvar a si mesmo. Apesar do exagerado final, é um filme extremamente tocante e emocional.

Nota: 9,0

REPRODUÇÃO/LIBERTY FILMS



Família Bailey em cena de *It's a Wonderful Life*.

Arte e Cultura

Yasmin Ramos de Azevedo,
Engenharia Civil, 1º ano.

A *Felicidade Não se Compra* (com a licença para chamar o filme pela melhor versão de seu próprio nome, que, como sempre, é a brasileira) é, inegavelmente, um marco para o cinema. Com o Natal se aproximando, confesso que tive que dar uma nova chance ao filme, que, na primeira vez, achei um tanto desestimulante. Não poderia estar mais errada.

Embora já tenha lido em algum lugar que o intuito do diretor não era entregar uma produção natalina, é tomando-a como uma que o filme entrega absolutamente tudo que promete: rompimentos de ciclos, reavaliação de valores, aquele toque de esperança que aquece um pouquinho o coração até dos mais desesperançosos espectadores.

Nesse, e em muitos outros aspectos, é uma produção atemporal. É claro, com o carimbo de *american way of life* estampado, mas seria até hipócrita julgar o roteiro por

isso, já que cresci assistindo e amando tudo que Hollywood fez de mais semelhante.

No fim, o enredo simples te proporciona uma das histórias mais bonitas que você verá. E, sim, vale um pouco a exaltação dos admiradores e as duas horas de vida que você precisará para assistir.

Nota: 8,0

DIVULGAÇÃO/LIBERTY FILMS



Poster de *It's a Wonderful Life*.

Bruno Pereira dos Santos,
Engenharia Civil, 1º ano.

Tratando-se de um filme natalino, em preto e branco, de

1946, *It's a Wonderful Life* tem tudo para ser um completo tédio, e chega a ser em sua primeira hora. Embora a sina trazida pela época e formato seja evidente, em sua parte final, o filme apresenta a que veio, trazendo a gratidão e valorização da vida de forma emocionante.

É curioso perceber que o fim do filme só tem todo aquele peso, pois tudo até lá se construiu para isso. Assim como em *La La Land*, a primeira metade do filme me fez dar boas pescadas, porém sua finalização vale por toda a obra, com fechamentos que me fizeram chorar (o que não é assim tão difícil). Por mais desinteressante que certas partes sejam, é impossível tirá-las sem prejudicar a construção emocional do roteiro.

Em suma, com certeza o recomendo, mas peço paciência para que não deixem de presenciar a sua finalização incrível, perdendo assim o prêmio por essa longa jornada.

Nota: 8,5

Arte e Cultura

Henrique Gregory Gimenez,
Engenharia de Computação, 1º ano.

No mundo cinematográfico, há dois extremos: aqueles que rejeitam produções contemporâneas e aqueles que se recusam a assistir qualquer filme em preto e branco. Nesse sentido, a idolatria em torno de *It's a Wonderful Life* é um feito da superestimação realizada pelo primeiro grupo.

Assistir à película é presenciar a repetição de inúmeros clichês e ideais "edificantes" da sociedade norte-americana da década de 1940, quase de maneira panfletária, pelas lentes de Frank Capra. Os personagens são construídos a partir de arquétipos sociais, e a narrativa é simples e previsível. Todavia, inexistente uma sensibilidade do diretor e dos roteiristas em explorar esse efeito, a fim de surpreender o espectador.

É possível argumentar que a inocência da produção é dada pelo período no qual o filme foi realizado. Contudo, na mesma época, mestres

como Fritz Lang, Carl Theodor Dreyer, F. W. Murnau, Alfred Hitchcock e Orson Welles já haviam revolucionado a sétima arte.

Grande parte dos aspectos positivos exaltados pela crítica foram melhor executados em outras obras anteriormente, de modo que não há inovações narrativa ou imagéticas. As discussões filosóficas e sociais apresentadas no longa, ainda que possuam enorme potencial, são abordadas sem um olhar crítico. Dessa maneira, afirmar que *It's a Wonderful Life* é um dos maiores marcos do cinema é, no mínimo, um exagero.

Nota: 5,0

REPRODUÇÃO/LIBERTY FILMS



James Stewart em *It's a Wonderful Life*.

Rafael Varanda Bernardo,
Engenharia Mecatrônica, 2º ano.

It's a Wonderful Life é uma história leve, com uma mensagem simples, mas muito valiosa.

Em meio à sua atmosfera dos anos 40, o filme narra muito bem os valores de seus personagens, fazendo com que você se conecte a eles. Não é nenhuma história de outro mundo, mas talvez seu charme esteja na sua simplicidade.

Ou talvez mais do que isso, seu valor esteja no que ele diz para os seus interlocutores! Dê um abraço em alguém querido, apaixone-se, faça caridade, plante uma árvore, descubra um pouco de si dando espaço para ajudar outra pessoa! O mundo já é amargo demais, então às vezes ver tudo com um pouco de leveza pode ser a chave para mudar as cores da sua jornada.

De fato, a vida pode, sim, ser bonita!

Nota: 7,0



É quase Natal

Yasmin Ramos de Azevedo,
Engenharia Civil, 1º ano.

Já é quase Natal. Dia 19 ou 20, talvez 21. Honestamente, perdi a conta. A voz robótica do metrô anuncia: "Próxima estação...". Já nem sei qual é. Não me leve a mal, não estou perdida, só no automático, no para lá, para cá.

Olho para o lado e vejo um casal. A moça tem cabelo roxo, enroladinho e curto, com uma tatuagem no pescoço. O cara é comum, devo ter visto um igual uma ou duas estações atrás. Ela sorria, um sorriso de quem está em paz demais para conseguir conter a bochechinha subindo.

Quais presentes será que trocarão? Ele não parece muito criativo, talvez compre um perfume ou um daqueles varais com fotos perfeitas dos dois em papéis de polároides. Ela talvez compre um relógio. Ele parece gostar de relógios. Será que já discutiram em qual casa estariam

na ceia? Em casa, é tradição: posso passar o Natal fora, mas não o *réveillon* (será que um dia conseguirei escrever *réveillon* sem pesquisar?).

Parei de olhar o casal. Vai que me interpretam mal. A moça no banco ao lado trazia uma caixa enorme da Bauducco, das que empresas dão para fingir que valorizam seus funcionários. Não parecia que teria folga. Talvez na véspera, com sorte, depois das 15h. Sua camisa era impecável. Ai, meu Deus, ela me olhou de volta! Será que estou parecendo uma psicopata?

A última foi sem querer. Quando desviei o olhar, ele trombou com o de uma idosa com várias sacolas, no fim do vagão. Ela parece ser uma avó fofinha. Mas quem sabe? Poderia trazer fita e água sanitária para apagar as evidências de um assassinato. As aparências podem enganar. Nesse caso, provavelmente eram apenas presentes. Ou então aquelas toalhas para enfeitar a mesa, com verme-

lho e verde e guirlandas em dourado. Não há nada de errado em ser supernatalino. Afinal, se não for um pouco brega, perde a magia da festividade!

Falando em brega, fiquei com vontade de ver filmes natalinos. Um bem clichê, com a mocinha indo para uma cidade distante e se apaixonando por alguém que odiou à primeira vista, ou daqueles que te lembram de valorizar a família. Será que mais tarde vou ter tempo?

É, é quase Natal. A voz robótica anuncia minha estação e me traz à realidade. Meu presente? Mais uma ou duas provas. Já estou atrasada para uma delas, e nem estudei tanto assim.

Pois é, é quase Natal. Mas, para mim, só parece ser para os outros. No caminho de volta, talvez eu viva mais um pouco da vida de outro alguém por 5 minutos dentro do metrô esvaziado. Agora, tenho que viver a minha. E nela, não é quase Natal.



Em defesa do tio do pavê

Bruno Pereira dos Santos,
Engenharia Civil, 1º ano.

Ainda não tenho sobrinhos e demorarei bastante para tê-los. No entanto, desde muito cedo, percebi minha terrível sina: sou um tio do pavê.

Sou do Rio Grande do Sul, demorei até entender o que era um pavê (chamamos de torta de bolacha por aqui), mas o tio do pavê é uma figura tão própria do imaginário popular que, mesmo aqui, sempre foi conhecido assim. Não havia pavê, mas ainda restava a dúvida: é pavê ou pacomê?

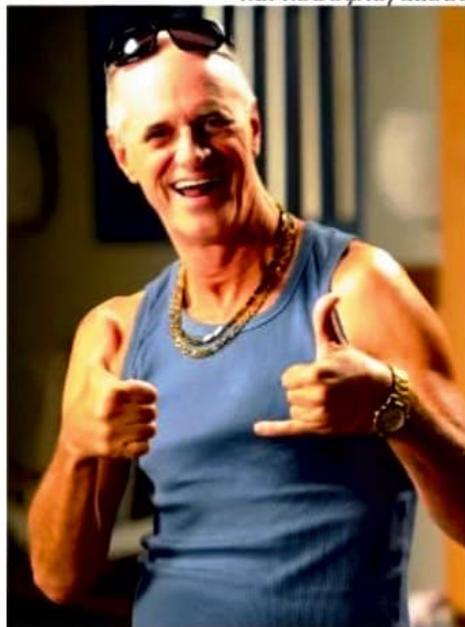
O tal do tio é a personificação das piadinhas de qualidade deplorável, dos trocadilhos forçados e repetitivos, dos duplos sentidos pouco criativos. É o humor em uma de suas piores facetas. É simplesmente ruim. E eu o amo e rio como se minha vida dependesse disso.

Por que faço isso? Falta de amor à própria vida ou perda

completa das faculdades mentais? Não, essas foram as características que me trouxeram à Poli.

O motivo pelo qual sou um tio do pavê desde que me entendo por gente é o completo oposto — amo demais minha vida para não aproveitar cada oportunidade e tenho ciência da falta de qualidade das piadas, está aí a graça.

REPRODUÇÃO/GLOBO



Leleco, o tiozão do pavê definitivo.

Rio do que é bom, porque é bom; rio do que é ruim, porque é ruim; rio da alegria e da desgraça; rio de mim e dos outros; rio do bem elaborado e do sem sentido; rio de piada de sogra assim como rio com qualquer *shitpost*; dou risada forçada para quebrar o gelo e risada involuntária nos momentos mais inoportunos; se me dessem a chance, riria até no meu velório.

Seria a vida o que mais se não uma tragicomédia? Não há porque a tornarmos apenas tragédia.

Por isso, não tenho vergonha de rir. Ninguém deveria ter.

Sejamos vergonha alheia por nós mesmos, abracemos o ridículo, acordemos a casa com gargalhadas, viremos o palhaço do nosso circo e também alegremos o dos outros, por que não?

Faça como eu, pergunte: é patê, pavê ou pacomê? Ou, se for muito difícil para vocês, pelo menos riam de mim, o tio do pavê assumido!



Nunca é um adeus!

Rafael Varanda Bernardo,
Engenharia Mecatrônica, 2º ano.

Honestamente, esperei até o último milésimo de segundo para escrever esse texto. Por indecisão, por não saber o que dizer e até mesmo por medo: tinha receio dessa jornada. São com certeza muitas emoções, histórias e risadas em jogo. Acima de tudo: muitas memórias construídas por esse projeto tão incrível que me transformou completamente.

Acho válido começar do princípio. Em 2021, em meio aos dias cinzentos de um interminável isolamento social, O Politécnico se destacou para mim. Em suas reuniões, de maneira inexplicável, parecia que o tempo passava de maneira diferente, e toda a atmosfera era mais leve. Por uma hora da minha semana, eu me sentia em paz.

Com o tempo, me apaixonei perdidamente pela sua história, conceito e equipe e

decidi fazer parte disso tudo. Eu e o Mateus mergulhamos de cabeça juntos, sem saber como daríamos conta (daí a aspa: “Onde fui amarrar meu jegue, Pininha?!”). Essa decisão impulsiva foi com certeza a melhor que já tomei.

Todas as pessoas, todas as histórias que contamos, tudo foi tão intenso e maravilhoso que colocar num pequeno texto seria impossível. Só deixo o registro de que sou eternamente grato a todos que participaram dessa jornada de alguma forma. O projeto com certeza não seria o mesmo se não tivesse contado com a melhor equipe do mundo.

Mais do que histórias ou lemas, é o sentimento claro de que mesmo se existissem infinitas linhas do tempo, se eu pudesse escolher viver esse ano de novo, escolheria fazer tudo igual. Faria as mesmas jornadas, sejam elas ao desconhecido, a tempos gastronômicos (e subversivos), ao

número trinta e cinco (“são 22 dois minutos para o fim do universo”) ou até mesmo a realidades distópicas onde girafas não existam (e eu possa te provar). Não mudaria uma vírgula, nem aquelas que escaparam da revisão.

Eu te amo, O Politécnico! É uma honra ter feito parte da sua história e levar você na minha. Nunca é um adeus!



Hum, isso é estranho. De acordo com meus cálculos de desvio para vermelho, cada galáxia dessa imagem está se afastando de nós. Na verdade, quanto mais distante fica, mais rápida ela parece se mover. É como se todo o universo estivesse em expansão. Mas, se é verdade, então as coisas estavam mais juntinhas no passado? E o quão longe podemos extrapolar? O universo teve um começo?

Relatos de Coriana



Meus agradecimentos

Mateus de Pina Nascimento,
Engenharia Mecatrônica, 2º ano.

Tradicionalmente, este texto costuma fechar a última edição física de cada ano. Contudo, optei por deixá-lo para agora por dois motivos.

O primeiro (e talvez mais óbvio) é que eu não estava pronto para me despedir. É clichê, eu sei, mas nem por isso deixa de ser verdade.

Nesses últimos dois anos, cultivei um carinho gigantesco pel'O Politécnico. Aliás, não foram poucas as vezes em que não me senti bom o suficiente para ele.

Foi por causa do jornal que encontrei o meu lugar na Poli. Sem ele, eu sequer estaria nela hoje. Eu sempre devi muito a'O Politécnico.

Antes de assumirmos a editoria, eu e o Rafael demos uma entrevista na qual me lembro de dizer que, apesar de termos várias ideias e estarmos extremamente animados, o

sentimento principal era de gratidão. Eu sempre quis retribuir um pouco do que senti e proporcionar esse acolhimento a outras pessoas.

Falhamos muito no decorrer do ano. Apesar de termos publicado duas edições virtuais extras, como esta, não conseguimos entregar as quatro edições físicas que prometemos.

No dever principal, porém, eu tenho certeza de que não falhamos. Contando com a sorte de termos uma equipe incrível para gerir, acredito que eu e o Rafael tenhamos criado um ambiente acolhedor e prazeroso a todos que participaram.

Entretanto, permaneço em débito. Tenho hoje talvez o dobro da gratidão que sentia um ano atrás e falo sem pestanejar que eu não seria metade do homem que sou se não tivesse sido diretor do jornal e do Grêmio. E olha que eu nem sou lá essas coisas.

O segundo motivo é que este é um período do ano notabilizado por retrospectivas. Não só: é o momento de olharmos para o que vem por aí com esperança, com novos votos.

Pessoalmente, há alguns dezos não tenho esse sentimento. Desta vez, no entanto, me sinto diferente. Mais maduro, talvez? Com novos horizontes, certamente.

É claro que deixo o cargo com uma certa angústia, mas, repito, a gratidão prevalece. Inclusive, obrigado por cada clique, por cada minuto dedicado a ler nossas palavras. Não teria sido tão prazeroso sem a participação de cada um de vocês, leitores.

Acima de tudo, saio com a certeza de que entrego o jornal a boas mãos — mais do que isso: entrego o meu querido jornal a mãos gratas.



Nada será como antes era
E isso é bom
Como não?

Letra de *O Que É Será*, de Scalene